

**JORNALISMO CIENTÍFICO**

# **A DISPUTA DE SABERES É A PAUTA DO DIA**

*Tayná Gonçalves Pinto*

*Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul foi atingido por uma catástrofe climática.*

## **1. CRISE**

Hoje é sexta, dia 10. São oito e meia da noite e começa o maior telejornal do Brasil. “O Rio Grande do Sul em alerta mais uma vez. A previsão é de chuva intensa até a segunda-feira”, diz Willian Bonner, na primeira fala dessa edição. O âncora não está, como de costume, sentado diante de uma mesa, de costas para o plano de fundo azul. O agora âncora-correspondente Bonner está na arquibancada de uma quadra poliesportiva. Em campo, uma parcela dos milhares de refugiados climáticos do Rio Grande do Sul.

Dizemos “este é um momento de crise”, mas a crise já dura anos. No Brasil, essa palavra parece rondar o imaginário pelo menos desde 2013, com as jornadas de junho. Protestos que começaram com um

apelo social e se transformaram, dia a dia, até serem reconhecidos pela mídia hegemônica e pela opinião pública como “manifestações contra a corrupção”.

Três anos depois, a primeira presidenta do Brasil sofreu um *impeachment*, a votação na câmara foi transmitida pela maior emissora do país. Durante a audiência, deputados votavam a favor do afastamento clamando por Deus, pela família e pela pátria. Quando Dilma Rousseff fez sua fala de defesa, a transmissão exibiu uma receita culinária. Também houve nesse contexto, a repercussão da fala de um deputado, que elogiou Ustra, o comandante das sessões de tortura contra a presidenta durante a ditadura militar. Mais três anos e esse deputado foi eleito o presidente do país.

Antes do mandato, Jair Bolsonaro foi entrevistado, virou fonte de notícias, participou de programas e o mais relevante: o mesmo aconteceu com pessoas como ele. O jornalismo, com os pressupostos de imparcialidade, relevância e precisão aos fatos, “precisava cobrir os dois lados da polarização”. Para superar a crise, Fabiana de Moraes indica que o jornalismo precisa abandonar a visão científica-objetiva que carrega desde sua origem. Em *A pauta é uma arma de combate*, a jornalista descreve como, na história do Brasil, os jornais foram coniventes com as violências exercidas pelo poder.

Em 2020, quando a pandemia de covid-19 chega ao Brasil, vários setores parecem se dar conta da barbárie instaurada. Ela não está apenas na mídia hegemônica, que batalha pela imparcialidade e acerta na relativização dos fatos, mas também em outros canais. As mídias sociais se tornam um vetor de informação e desinformação. A estética do jornalismo se espalha por vários sites e perfis que atendem interesses específicos da “polarização”. O jornalismo científico tenta combater uma miríade de informações erradas e negacionismos científicos. Então repetimos: “este é um momento de crise”, mas a crise já dura anos.

## 2. DISPUTA DE SABERES

Hoje é quarta, dia 8. A pesquisadora Lorena Cândido Fleury diz ao *Nexo Jornal*: “O mundo ainda não se atualizou. O planeta está agindo de modos que não são consoantes com nossas instituições”. Fleury fez essa afirmação, após explicar como o termo “refugiado climático” não é reconhecido pelas instituições no Brasil. Portanto, no país não existem políticas públicas capazes de lidar com o problema de quem perde seu *habitat* em decorrência das mudanças climáticas.

A frase de Fleury parece se relacionar ao “sufocamento político” que a jornalista Naomi Klein descreve em seu livro *This Changes Everything: capitalism vs climate change*. Por um lado, as pessoas não se sentem capazes de mudar a realidade, por outro, nenhuma liderança mundial consegue responder à altura do problema. Klein escreveu seu livro em 2014, mas em 2024, talvez estejamos percebendo que para recuperar a respiração política é necessário um deslize. A questão climática ainda pode parecer um tema catastrófico, entretanto, dez anos depois, ela também fornece uma força política capaz não só de nos proteger de um clima extremo, mas de tornar o mundo mais justo para todos os seres vivos.

A crise ecológica intensifica a multidisciplinaridade e infiltra-se em todos os saberes. Malcom Ferdinand afirma em *Uma ecologia decolonial*, que a lógica de exploração da terra está entranhada ao colonialismo, portanto o roubo da terra é também a expropriação da vida de pessoas negras. Ferdinand constrói seu argumento em torno de teorias que não costumam ser canônicas, de fatos que não costumam sair na mídia hegemônica. O mesmo acontece em *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Krenak, o qual indica como os modos de consumo, a ideia de progresso e a noção de humanidade devem ser questionados, de maneira que não seja mais possível se orientar por esses parâmetros.

Durante a pandemia, Preciado escreve *Dysphoria Mundi: o som do mundo desmoronando*. Nele, o autor afirma que, embora o confi-

namento tenha acelerado as dinâmicas do capitalismo cibernético, “a conexão informática generalizada levou também a consequências que nem os governos dos diversos Estados-nação nem as multinacionais cibernéticas poderiam prever”. O imprevisto foi a mais importante insurreição dos movimentos raciais, de gênero e ecológicos, desde os anos 1950 e 1960. Repetimos mais uma vez: “este é um momento de crise”, mas veja, a crise é muito antiga.

### **3. SOMOS A MÍDIA?**

Durante a primeira semana do desastre, a *timeline* da minha principal rede social, o Instagram, foi preenchida por: mensagens de doação (números pix, pedidos de água potável, nomes de pessoas, de povos e de organizações não-governamentais), crítica ao papel do Estado (a responsabilidade dos governadores e do Governo Federal, o orçamento público, a distribuição de impostos, o domínio político do agro), imagens da tragédia (o cavalo em cima do telhado, o comerciante narmando a destruição dos seus produtos, a água subindo em diferentes pontos do estado).

A lógica por trás das redes sociais é: quanto mais tempo conectado, mais propagandas são exibidas e, conseqüentemente, mais receita as empresas de tecnologia do Vale do Silício recebem. Para reter a atenção é necessário que sua maior tecnologia (os algoritmos) operem sob medida para cada usuário. Por isso, é impossível dizer quantas versões de *timeline* do Instagram existiram durante a primeira semana do desastre no Rio Grande do Sul.

A cena de Bonner na quadra poliesportiva é estranha e, exatamente por isso, não deveria ser só mais uma imagem que compõe o confuso mosaico das informações midiáticas deste tempo. A frase de Fleury ecoa, algo está errado. Difícil afirmar o significado de uma experiência midiática que é, ao mesmo tempo, individual e coletiva,

concentrada e fragmentada. Entretanto, diante das mudanças climáticas, o conflito parece ser também existencial.

Nesse contexto, parece necessário refundar um jornalismo que perde credibilidade, relevância e espaço, enquanto utiliza seus preceitos fundamentais para a manutenção do poder. Talvez, um novo jornalismo, que não tenha vergonha de ser subjetivo – como defende Fabiana de Moraes – possa capturar os saberes transformadores do presente, que abrem caminhos em meio às crises.

## **REFERÊNCIAS**

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

KLEIN, Naomi. **This changes everything**: capitalism vs the climate. New York: Simon & Schuster, 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

PRECIADO, Paul B. **Dysphoria mundi**: o som do mundo desmoronando. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

VICK, Mariana. Os atingidos pelas chuvas no RS são refugiados climáticos? **Nexo Jornal**, São Paulo, 8 maio 2024.

